

Mário Lopes: Pessoa de Referência para Gerações de Anestesiologistas

Mário Lopes: Reference Person for Generations of Anesthesiologists

<https://dx.doi.org/10.25751/rspa.24000>



Dr. Mário Lopes

Notas biográficas para recordar o médico anestesiologista, que ajudou a construir a especialidade de anestesiologia abrangente que conhecemos agora:

O que é um jardineiro?

Uma pessoa cujo pensamento está cheio de jardins.

O que faz um jardim são os pensamentos do jardineiro.

Aprendemos quando conseguimos pensar o jardim!

(metáforas das teorias da educação...)

Mário Augusto Azevedo Ferreira Lopes, nasceu em 1948, cresceu numa quinta em Guidões (concelho da Trofa) e fez a formação escolar na Póvoa de Varzim.

Duas referências da sua infância marcaram para sempre o jovem Mário: o seu avô materno, médico de clínica geral, com perfil de “João Semana”, admirado pelas gentes da terra pela sua generosidade; o pai que foi um agricultor, apegado também à terra, que o fez regressar à quinta depois dos estudos e dinamizar os cultivos, a organização dos agricultores em cooperativa agrícola. Circunstâncias pessoais, uma tuberculose grave, ainda

muito pequeno nos primeiros anos de vida, também marcou a sua vida. Acabou por se salvar com a estreptomicina e desenvolveu, ainda na infância, a ideia de ser médico “para curar os pequeninos”. Acabou tendo uma ligação importante à casa de família e às suas gentes, também no apego à horta e jardim. Com toda a certeza, o seu modo de ser observador, sereno, seguro e companheiro vieram desta vivência de “médico-jardineiro”, ponderada, que o acompanhou como “cultivador de projetos”. Na sua juventude, vem para o Porto para os estudos universitários, na Faculdade de Medicina do Porto. O convívio estudantil, numa República de Estudantes na rua Duque de Palmela, contribuiu para alargar horizontes. Ficou-lhe na memória uma noite onde o Zeca Afonso esteve com eles, houve música, conversa e despiste da PIDE (estávamos nos anos 69-70).

Licenciou-se em Medicina em 1972, nessa altura nos últimos anos do curso havia o estatuto de “Aluno de Prática Clínica”.

Vida Profissional

Fez a sua prática clínica em 1972/73 no Hospital de São João, nesta fase buscava-se em estágios voluntários, oportunidades de diferenciação para futuro. Contudo é no Hospital de Santo António, fora do seu horário normal, que vem aprender e trabalhar no Serviço de Reanimação Respiratória do Hospital de Santo António (junto com o um colega mais tarde cardiologista, Ovídeo Costa). Entusiasma-se com essa forma diferente, de vanguarda da medicina da altura e virá para este Hospital posteriormente fazer o Internato Policlínico mantendo esta ligação aos doentes graves.

Foi também neste contexto de entusiasmo e juventude, no Serviço de Reanimação, que conheceu uma jovem enfermeira espanhola. Ela vinha de Madrid do Hospital La Concepcion, esteve um mês no Porto, num intercâmbio de enfermagem com o Hospital de Madrid, onde a enfermeira chefe do serviço do Santo António tinha ido aprender aquilo que se delineava como enfermagem de cuidados intensivos. Nasceu assim a relação de casal, cúmplice e duradoura entre o Mário Lopes e a Maribel que assistimos até ao fim.

Em Janeiro de 1974 começa o Internato Policlínico no Hospital de Santo António, ano de grandes mudanças políticas e sociais em Portugal. Em Julho de 1975 é criado o “Serviço Médico à Periferia”, concebido para resposta

à carência de cuidados médicos da população fora dos grandes centros urbanos, com mobilização dos médicos mais novos. Bragança estava fora do mapa de vagas para esse fim, por ser remoto e não haver candidatos.

No entanto 7 médicos, alguns recém-chegados do estrangeiro (dos EUA e da Suíça) para onde tinham ido em busca de diferenciação e novas oportunidades de carreira; outros do Internato Policlínico do Hospital de Santo António - propuseram-se ir voluntariamente para Bragança. Neste grupo estavam - Mário Lopes, Nelson Rocha, Lopes Lima, Manuel Teixeira, Vitor Ribeiro entre outros. Pessoas que acabaram por ter um papel relevante no Hospital Santo António nos anos vindouros (na Anestesia, Medicina Interna, Neurologia e Cirurgia).

Assim começou o Serviço Médico à Periferia em Bragança de Agosto de 1975 a Março de 1976.

Tempo de controvérsias, que foi encarado por muitos deles como fazer a diferença social, no contexto de combater a desigualdade, com militância ideológica. Fizeram uma medicina de clínica geral que incluía atendimentos urgentes, cobrindo uma área rural significativa e aldeias nunca antes visitadas por médicos, para além dos concelhos urbanos de Bragança. Muitas horas de trabalho diárias e grande diversidade de situações. Como diria um autarca no final, “se não fossem “comunistas” eram perfeitos”!

Em Setembro de 1976 começou a especialidade de Anestesiologia no Hospital de Santo António que concluiu brilhantemente em 1980. Manteve em paralelo ao longo dos anos a colaboração regular empenhada com o Serviço de Cuidados Intensivos (SCI), nova designação do antigo Serviço de Reanimação Respiratória. Juntou-se a uma equipa notável da altura, nomeio apenas alguns nomes que lhe serviram e “mestres” Armando Pinheiro, Sérgio Alexandrino e Silva Araújo entre outros. Anos depois o Dr. Sérgio Alexandrino salientaria sobre a contribuição que o ele deu ao Serviço: “ o SCI muito deve à atividade de médico intensivista do Dr. Mário Lopes que é de considerar de excepcional qualidade técnica e humana”.

Fez a sua carreira como anestesiologista neste hospital, como Especialista e como Chefe de Serviço sempre empenhado, com uma postura modesta, tecnicamente relevante, nos vários desafios que se ofereciam à anestesia.

Desenvolveu em paralelo atividade no ensino médico, no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, desde 1978/79. Chegou a professor auxiliar da Disciplina de Terapêutica Médica, cujo regente era o Dr. Silva Araújo. Os seus conhecimentos profundos de Farmacologia, a sua forma comunicação com os alunos, fizeram dele um excelente professor.

Foi membro da Comissão de Farmácia e Terapêutica (CFT) do Hospital desde 1982, mantendo colaboração ao longo dos anos. O seu contributo foi muito relevante, associando os conhecimentos já referidos, com a competência clínica diversificada.

Desenvolveu especial interesse na área da Toxicologia e realiza em 1983 estágio no *Service de Réanimation Médicale et Toxicologique - Hospital Fernand Widal*, em Paris, dirigido pela Prof. Chantal Bismuth figura cimeira mundial na disciplina. Tinha sido criado pela mesma equipa, o primeiro “Centro Anti-Venenos de Paris” com consulta telefónica aberta.

Assume a Coordenação do Grupo de Toxicologia do HSA (Órgão acessor da CFT) e promove a edição do “*Manual de Antídotos*” para uso hospitalar, que mais tarde numa 2ª edição foi patrocinado também pela ARS-Norte. O grupo foi assumindo um papel de consultoria na zona Norte e desenvolveu reuniões anuais de discussão de casos clínicos. Na Anestesia emergiu nesta altura uma área nova, a transplantação de órgãos. O Mário Lopes foi Coordenador da Equipa de Anestesia para colheita e transplantação de órgãos do HGSA em 1987, tendo um papel fundamental na definição de regras e parâmetros que presidiram à colheita de órgãos e estabelecimento dos protocolos anestésicos.

Esteve envolvido como elemento perito do Colégio de Anestesia na Comissão da Ordem dos Médicos para redação do “Guia da Morte Cerebral”, que fez a revisão dos conhecimentos e criou regras para a colheita e dádiva de órgãos em Portugal.

Em 1988 foi promovido no âmbito do Serviço de Anestesia, com ajuda dos internos dos últimos anos, um levantamento sobre as necessidades assistenciais do tratamento do doente crítico, no Serviço de Urgência. Havia falta de camas de intensivos, existiam doentes ventilados no antigo “OBS” sem equipamento e acompanhamento profissionalizado capaz.

A sala de emergência era um ambiente não sistematizado: cada médico desempenhava um papel o anestesiologista entubava, o internista acompanhava se fosse um doente “médico” e não precisasse de um ventilador, o cirurgião levava o doente ao bloco se fosse “cirúrgico” no fim o doente muitas vezes não era de ninguém!

Surge daí a “Comissão de Cuidados Intensivos - multidisciplinar”, coordenada pelo Dr. Silva Araújo, que encarrega o Mário Lopes (pela Anestesia) e o Nelson Rocha (pela Medicina Interna) de construir um projeto, que virá a ser a criação sequencial dum circuito do doente crítico intra-hospitalar – conceito que hoje conhecemos como algo adquirido – mas que teve início neste contexto em Portugal.

Nessa perspectiva foi criada a Unidade de Cuidados Intensivos Polivalente (UCIP) em 1991, em instalações provisórias, e num conceito interdepartamental (entre a Anestesia e a Medicina), no sentido de responder às necessidades assistenciais aos doentes críticos que eram admitidos pelo Serviço de Urgência. Foi entregue ao Mário Lopes a responsabilidade da direção da nova unidade, tendo como assistentes o Antonio Carneiro (da Medicina Interna) e a Irene Aragão (Interna Graduada da Anestesia).

A equipa médica dessa unidade assumiu desde o início a continuidade da assistência clínica aos doentes atendidos na “Sala de Ressuscitação” e das 12 camas da UCIP, tendo 2 anos mais tarde criado a emergência médica intra-hospitalar.

O período de 1991 a 1997 foi dedicado na maioria do seu tempo à Medicina Intensiva, mas manteve atividade na anestesia. Pertenceu ao Colégio de Especialidade de Anestesia da Ordem dos Médicos, entre 1994 e 1997, contribuindo ativamente para a definição do currículo de formação de anestesia.

Foi nomeado Diretor do Departamento de Urgência em 1997 reunindo apoio como figura com competências humanas e técnicas consensuais. Apresentou um plano de atividades baseado num documento sobre “Organização e funcionamento futuro do Serviço de Urgência do HGSA”, que propunha, genericamente, uma estrutura baseada em áreas dominantes: Emergência (Sala de Emergência e Pré-Hospitalar), Triagem, Sala de Observações Intermédia. Este projeto sofreu entraves de implementação na plenitude, as equipas dedicadas não aconteceram. Pede para deixar estas funções em 1999.

Regressa à Anestesia em tempo total, com o seu saber estar habitual, conhecedor e tranquilo consigo próprio.

Acaba por vir a aceitar uma proposta, que surge da medicina privada, com um novo modelo.

Sai do HGSA em 2000 para os Hospitais Privados de Portugal – (hoje Grupo Lusíadas). Desenvolve um projecto inovador para a anestesia na medicina privada, a criação duma equipa de anestesia própria, a trabalhar num “molde hospitalar”. Participou no processo de acreditação daquele hospital, organizou uma resposta 24 horas de anestesia e emergência, que acompanhou uma urgência aberta 24 horas, à qual se foram somando outras especialidades como a medicina interna e obstetrícia 24 horas.

Muitos anestesiologistas hoje podem testemunhar a contribuição que o Mário Lopes teve, na sua formação e percurso profissional, quer no âmbito da anestesia e quer no âmbito da medicina intensiva. Muitos de nós tem histórias para contar do “chefe” que conosco partilhava os momentos mais críticos, transmitindo confiança, permitindo desenvolver competências num clima de respeito e solidariedade.

Motivos de saúde o obrigaram a deixar a atividade profissional mais cedo do que o previsível.

Esta etapa da vida fez o “jardineiro” voltar ao seu “jardim pessoal”, com o foco na família e nos netos. Neste Janeiro de 2021 no contexto de pandemia COVID-19 o Mário Lopes faleceu, aos 72 anos de idade, deixando entre os colegas que trabalharam com ele, pessoas que aprenderam o valor dos pensamentos para construir um qualquer jardim que existirá sempre.

Responsabilidades Éticas

Conflitos de Interesse: Os autores declaram não possuir conflitos de interesse.

Suporte Financeiro: O presente trabalho não foi suportado por nenhum subsídio ou bolsa ou bolsa.

Proveniência e Revisão por Pares: Comissionado; sem revisão externa por pares.

Ethical Disclosures

Conflicts of interest: The authors have no conflicts of interest to declare.

Financial Support: This work has not received any contribution grant or scholarship.

Provenance and Peer Review: Commissioned; without externally peer review.

Autor:

Irene Aragão - Anestesiologista e Intensivista Coordenadora da Unidade de Cuidados Intensivos Polivalente (UCIP) do Hospital de Santo António do Centro Hospitalar do Porto, Portugal.

ORCID

Irene Aragão  <https://orcid.org/0000-0001-5750-2739>

Submissão: 22 de março, 2021 | Received: 22nd of March, 2021

Aceitação: 22 de março, 2021 | Accepted: 22nd of March, 2021

Publicado: 23 de março, 2021 | Published: 23rd of March, 2021